

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
Alexander Kluge: Por Um Cinema Impuro
26 de Julho de 2021

DER ANGRIF DER GEGENWART AUF DIE ÜBRIGE ZEIT / 1985

“O Ataque do Presente ao Tempo Que Resta”

um filme de ALEXANDER KLUGE

Realização e Argumento: Alexander Kluge / **Fotografia:** Thomas Mauch, Werner Lüring, Hermann Fahr, Judith Kaufmann / **Montagem:** Jane Seitz / **Som:** Josef Dillinger, Olaf Reinke, Georg Otto / **Locução:** Alexander Kluge / **Interpretação:** Jutta Hoffmann (Gertrud Meinecke), Armin Mueller-Stahl (realizador cego), Rosel Zech (médico), Hans-Michael Rehberg (Herr von Gerlach) Peter RoggischRoggisch, Maria Slatinaru, Günther Reich, Piero Visconti, Edgar M. Böhlke, Henning Burk, Alfred Edel, André Jung, Bernd Schmidt, Claudia Buckler, Rosemarie Fendel, Otto Ferrari, Rüdiger Leimbach, Loni Pampel, Brigitte Schauder, Stefanie Wüst, Rudi Abraham, Katharina Abraham, Hans Grimm, Paulina Weber, Gunna Wardena, Ilona Doubek.

Produção: Alexander Kluge, Kairos-Film, ZDF / **Cópia:** da DCTP, em DCP (original em 35mm), preto e branco e cor, legendada eletronicamente em português / **Título Internacional:** The Assault of the Present on the Rest of Time / **Título Internacional alternativo:** The Blind Director / **Duração:** 106 minutos / **Primeira Apresentação Pública:** 7 de Setembro de 1986, Toronto Film Festival / **Estreia Mundial:** 31 de Outubro de 1985, Alemanha de Leste / Primeira exibição na Cinemateca.

“Interiormente ele estava cheio de imagens.”

“- O senhor interessa-se por arte?

- Interesse-me por sucata.

- Talvez a minha pergunta o surpreenda,

mas a minha especialidade são os novos media e a arte, em particular a arte em construção.”

dos diálogos do filme

Der Angriff Der Gegenwart Auf Die Übrige Zeit, a penúltima longa-metragem que Alexander Kluge realiza antes da sua mudança para a televisão em 1987, é já um filme de transição. Aqui, encontramos muitos dos motivos (e mesmo imagens e sons) que amiúde reaparecerão na sua obra futura, seja nos programas que conceberá para a sua produtora televisiva, seja nos muitos filmes/programas e exposições, que criará para diferentes contextos. E a sensação de *déjà vu* que atravessa quem viu parte da extensíssima obra de Alexander Kluge (incluímos aqui as centenas de programas que realizou para a televisão nas últimas três décadas), revela como este é um dos grandes arquivos a que o cineasta mais tarde irá recorrer para reflectir simultaneamente sobre a história, a arte e o cinema em finais do século XX (relembramos que **Der Angriff Der Gegenwart Auf Die Übrige Zeit** data de meados dos anos oitenta).

Filme muito fragmentário, a guiá-lo temos mais uma vez a pausada voz de Alexander Kluge. Encontramos aqui uma justaposição de fragmentos de óperas como a “Tosca” – ópera em três

actos de Giacomo Puccini, que nos revela de entrada mais uma tragédia de amor –, uma dissertação sobre histórias de outros tempos acompanhada por imagens de constelações, uma outra história que coloca em paralelismo o negócio da sucata e o mundo da arte, um retrato de uma família inteira sentada face a um computador, ou uma criança que se procura entregar à sua família, sem sucesso. No fundo, trata-se de uma colecção de histórias que reportam a tempos diferentes que Alexander Kluge nos apresenta em sucessão, numa cadência e num ritmo a que nos habituou, tanto nos seus filmes, como em obras literárias como *Crónica dos Sentimentos*. E se parte das ligações já nos são dadas à partida, caberá a cada um de nós completar essas mesmas ligações no meio de uma multiplicidade de personagens e de histórias que não se cruzam directamente.

O título “O Ataque do Presente ao Tempo que Resta”, com toda a sua carga poética, é exemplificativo da importância da noção de “tempo” neste filme e na obra de Alexander Kluge em geral, no modo como esta confronta precisamente dois tipos de tempo que, curiosamente, são definidos em **Der Angriff Der Gegenwart Auf Die Übrige Zeit**: “o kairos” e o “chronos”. Como se diz no filme: “Há dois tipos de tempo. Um chega rapidamente e só fica por um momento. Os gregos chamam-lhe ‘kairos’. O outro flui lentamente, mas estende-se até ao infinito. Os gregos chamam-lhe ‘chronos’. A partir destas duas condições, antitéticas, surge todo o resto.” O facto de a produtora do cineasta ter o nome de Kairos-Film é bem revelador a propósito deste aspecto. O “kairos” é no fundo uma das noções-chave da obra de Alexander Kluge que, nas suas várias vertentes, alia a filosofia, a história e a ficção no sentido de produzir narrativas que reflectem sobre o mundo em que vivemos. Uma outra será a sua noção de “sentimentos”, que também é abordada directamente neste filme, e sobre a qual já escrevemos noutras ocasiões. O “kairos” será o tal momento único que corresponde a um “aqui e agora” que promove a acção no momento presente. É algo que pertencerá à ordem de um fulgor, que permite trazer à superfície uma dimensão inconsciente que se revela no instante flamejante em que aparece e desaparece. É aí que reside para Kluge o poder de toda arte e as “potencialidades dos arquivos do passado” na iluminação de um futuro guiado pelos “sentimentos” que, como aqui se diz, “permanecem os mesmos”.

A um nível mais concreto, “O Ataque do Presente ao Tempo que Resta” alude à forma como o tempo presente, e o modo veloz como é experienciado pelas personagens do filme na sua relação com o mundo do trabalho e com as suas próprias expectativas, compromete a nossa capacidade de pensar o próprio presente e de projectar o futuro. Também conhecido internacionalmente como **The Blind Director/“O Realizador Cego”**, título que corresponde a um importante segmento que inevitavelmente domina **Der Angriff Der Gegenwart Auf Die Übrige Zeit** no seu conjunto, este fragmento do filme acaba por se revelar uma poderosa metáfora que apela a tantas histórias de personagens cegas contadas pelo próprio Kluge ao longo de vários filmes, de Fritz Lang a James Joyce, passando pelo pai cego da extraordinária conversa com Jean-Luc Godard, que abriu esta retrospectiva. Entrevistado por um jornalista, curioso com o facto da sua cegueira não o impedir de continuar a filmar, este “realizador cego” dirá: “Sou um destruidor de imagens. Isso é verdade. (...) Sempre fui.” Este realizador é descrito como um homem que outrora pertencera à categoria dos “homens apressados”, mas também como alguém que, tendo perdido subitamente a visão, “interiormente estava cheio de imagens”. São essas mesmas imagens que preenchem este e tantos filmes de Alexander Kluge que, como este realizador cego, se revela um “iconoclasta”, mas como confessará numa entrevista recente a António Guerreiro, “um iconoclasta moderado”.

Joana Ascensão